

A ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO: UMA HISTÓRIA DE FOME

Jaqueline da Silva Oliveira – Universidade do Estado de Mato Grosso ²⁴
Prof. Orientador Dr. Isaac Newton Almeida Ramos

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar o conto “A estória da galinha e do ovo”, do livro *Luuanda* (2006) de Luandino Vieira, no qual o próprio faz uma crítica a situação política e social de Angola. O conto, que apresenta uma briga, aparentemente boba entre duas vizinhas, esconde uma realidade de opressão de um povo negro e pobre de uma colônia governada por brancos. A briga por um único ovo, tão séria que precisou passar até pela polícia para se tentar apaziguar, revela uma realidade de extrema pobreza dos musseques angolanos. Para Luandino (2004), encontramos no conto da estória da galinha e do ovo uma situação ainda colonial, mas já iluminada por fortes tons de um otimismo libertário, onde juntos os mais velhos e mais novos procuram reconstruir dialogicamente o mundo fragmentado. O mesmo, por sua vez, procura ser o mais fiel possível à realidade transformando a obra em um aquário onde ele e seus personagens circulam e, provando, como a fome, a exploração e o desemprego surgem com evidências. Trata-se de uma realidade social de Angola muitas vezes desconhecida pelos leitores de literatura africana.

PALAVRAS-CHAVE: Luanda, Fome, Libertário.

INTRODUÇÃO

Antes de Angola tornar-se um país independente, a cidade de Luanda, sua capital, caracterizava-se por uma dualidade, de um lado a cidade de cimento, em que viviam os colonizadores, e de outro os musseques, em que viviam os africanos. De acordo com Guimarães (2010, p.), “Pela dualidade, presencia-se um processo de diferenciação espacial, social e racial, que se tornou mais agudo com o início da luta pela independência em 1961”.

A cidade de cimento, lugar onde viviam os colonizadores, era caracterizada por uma prosperidade não encontrada nas periferias, centros que geravam grandes fins lucrativos, conseqüentemente resultava em oportunidades econômicas, acesso a serviços e infraestruturas, e uma melhor qualidade de vida. Com relação aos musseques, eram periferias as quais não ofereciam condições favoráveis de moradia. A precariedade das instalações, a falta de acesso e usufruto de uma infraestrutura básica, como luz elétrica, saneamento e outros. É nesse espaço que Luandino cria suas narrativas, revelando ao seu leitor a realidade em que viviam os moradores daquele lugar, suas dificuldades, lutas e maneira que reagem à opressão, durante o período colonial.

No conto destacam-se os personagens: a galinha Cabíri, Nga Zefa (dona de Cabíri), e Nga Bina. A primeira, insiste em ir ciscar no quintal de Nga Bina, que está grávida e não tem criação de galinhas. A terceira, Bina, dá milho à galinha de Zefa. Certo dia Cabíri põe um ovo no quintal da vizinha, e assim começa a peleja. A dona reivindica a posse da galinha e do ovo; enquanto a outra reivindica o direito ao ovo já que ela havia alimentado a referida. A partir dessa situação, é feita uma roda de vizinhas para julgar o caso, tendo como mediadora a mais-velha do grupo, Vavó Bebeca. São chamados vários passantes para dar sua opinião. Todos os “juízes” do caso procuram tirar proveito da situação, tentando obter a propriedade do ovo para si. Todavia, nenhum deles consegue resolver o caso

²⁴ Notas de rodapé no decorrer do texto devem ter apenas finalidade explicativa. As normas de formatação de trabalhos científicos não contempladas aqui devem seguir a ABNT. O artigo poderá ter, no máximo, quatro autores.

e, ainda por cima, tentam obter usufruto do ovo. Finalmente, aparece um sargento, acompanhado de alguns soldados, e diz que não são permitidas reuniões. Dito isso, tenta se apropriar, não do ovo, mas da galinha. No entanto, acontece uma artimanha de Beto, filho de Zefa, que salva a galinha das mãos do sargento e a tensão interna do grupo se dissolve. O sargento vai embora. Resultado: as vizinhas, que até então brigavam, se reconciliam.

No conto “A estória da galinha e do ovo”, o narrador, do tipo heterodiegético, apresenta uma realidade, talvez, nem tanto conhecida pelos leitores de literatura africana, que é tratar de um acontecimento inusitado como esse. No caso, uma galinha e a história de duas vizinhas. Tem-se Zefa, uma mulher pobre que, possivelmente, tinha como sustento de sua família apenas uma galinha. Bina, uma senhora grávida e com o marido preso, não tinha sequer dinheiro para comprar milho e desejava comer o ovo da galinha de sua vizinha. As duas disputavam a propriedade de um ovo. A briga, aparentemente simples e boba, esconde uma realidade de opressão de um povo negro e pobre de uma colônia governada por brancos. Briga essa, tão séria, que precisou passar até pela polícia para ser apaziguada. Isso revela uma realidade de extrema pobreza dos musseques angolanos.

O fato do autor conviver toda a sua vida com aquela realidade, mesmo não sendo negro, pobre e colonizado, não o impediu de sentir na pele as necessidades daquele povo. Dessa maneira, procura ser o mais fiel possível à realidade dos moradores das periferias de Luanda, transformando a obra em um aquário, no qual ele e seus personagens circulam, provando, como a fome, a exploração e o desemprego surgem com evidências. Entretanto, o próprio não deixa de ser português, nem abdica de sua nacionalidade e sim demonstra afeto e preocupação com Angola, seu povo e suas necessidades, como afirma Martins: “O gesto de Luandino não indica, pois, a subtração da nacionalidade ou raízes portuguesas, mas a inserção de uma naturalidade mais profunda, posto que resultante de uma escolha afetiva, cultural, ideológica” (MARTINS, 2010, p. 172).

Ele consegue ser sensível ao sofrimento em quem viviam os moradores dos musseques da capital Angolana, tanto que não só descreveu fielmente as condições em que eles viviam, como se ele mesmo sofresse aquelas necessidades, mas, participou ativamente no movimento de libertação de Angola.

O conto também pode ser entendido como uma espécie de resposta autoral (no caso de Luandino) à situação política e social de Angola, à opressão do governo salazarista (O Salazarismo foi um regime político de Portugal, também chamado de Estado Novo). Neste regime, o autoritarismo e uma relação corporativista foram implementados ao sofrimento do povo angolano, especificamente dos moradores dos musseques de Luanda.

A linguagem denuncia de forma poética o julgo colonial nos musseques angolanos e propõe possíveis caminhos para uma independência. A mistura do quimbundo com o português, a ideia contrária aos essencialismos tanto do tradicional (no caso, o quimbundo) quanto do moderno (o português), resulta em uma espontaneidade das vozes-saberes dos personagens, os quais passeiam às nossas vistas através da leitura de Luandino.

Durante toda a narrativa é possível perceber a utilização de muitas palavras que não fazem parte do léxico do português padrão (mesmo de 1963), demonstrando o hibridismo linguístico na escrita de Luandino que, mesmo sendo português de nascimento, se considerava angolano, portanto falava a língua local, o quimbundo. (SHEIKA, 2014).

A metáfora é apresentada no conto por meio de seus personagens, a galinha metaforicamente representa Angola ou o seu povo; o ovo pode ser entendido como as riquezas daquele país. O fato da galinha por ovo, ora num quintal ora no outro, representa o povo angolano que serve de escravo em sua própria terra, posto que mesmo vivendo na sua terra é expropriado dela, na medida em que o ovo (as riquezas) acaba na mesa da metrópole.

Luandino, usa das metáforas para levar o leitor a uma reflexão sobre o julgo que o povo dos musseques viviam e mostrar o quanto a pobreza e fome levava-os a necessidade de um novo

recomeço, longe do julgo colonial, onde pudessem desfrutar das riquezas de sua terra. A criança na barriga de Bina, representa o país que todos desejavam, novo, pronto para viver novas histórias, mas ligado ao seu povo.

De ovo na mão, Bina sorria. O vento veio devagar e, cheio de cuidados e amizade, soprou-lhe o vestido gasto contra o corpo novo. Mergulhando no mar, o sol punha pequenas escamas vermelhas lá em baixo nas ondas mansas da Baía. Diante de toda a gente e nos olhos admirados e monandengues de miúdo Xico, a barriga redonda e rija de nga Bina, debaixo do vestido, parecia era um ovo grande, grande... (VIEIRA, 1964, p.152)

A imagem da galinha voando em liberdade em direção ao sol, a presença de Bina com sua imensa barriga segurando o ovo, e a própria barriga parecendo um imenso ovo, são símbolos ligados ao princípio da vida, que está direcionado para o futuro com promessas da nova sociedade angolana que surgiria depois da independência.

O papel do idoso também é apresentado no conto. A velhice é a idade da sabedoria, do ensinamento e não do descanso. Aos mais velhos é dado o poder de resoluções de problemas da comunidade de vários tipos: jurídicos, religiosos, médico-mágico, educacional, econômico. A ele também é dado o poder para que se mantenha a cultura do seu povo através da transmissão de sua experiência de vida para os mais novos através da arte de contar. O idoso, neste caso "Vavó Bebeca", ainda tem seu respeito junto à comunidade, pois é a quem primeiro eles se voltam para resolver seu questionamento.

O papel feminino é representado pela sabedoria e força, as mulheres reunidas provam o quanto a mulher africana é forte. Zefa por exemplo toma o papel do marido, em uma questão que ele deveria resolver a mulher toma para si, ao questionar com Bina o direito a galinha. O narrador apresenta a personagem como uma mulher forte que enfrentar bravamente sargento, quando o mesmo, queria tomar posse de sua galinha.

Espetou com força as unhas dela no braço do sargento, arranhou fundo, fez toda a força nas asas e as pessoas, batendo palmas, uatobando e rindo, fazendo pouco, viram a gorda galinha sair a voar por cima do quintal, direita e leve, com depressa, parecia era ainda pássaro de voar todas as horas. (VIEIRA, 1982, p. 122).

O comportamento das mulheres em resolver por si só, seus problemas, sem se preocupar com os portugueses, enfurecia seus colonizadores que acreditavam que se o povo defendesse eles mesmos seus problemas, também aprenderiam a pelear pelos seus direitos enquanto povo daquela terra. Todas reunidas, é a representação de um novo povo angolano, que não deseja mais viver sobre o julgo colonial, tentar resolver seus problemas sozinhas, é como se fosse um aviso aos seus colonizadores de que já não queriam eles sobre suas vidas e sua terra.

A chegada da polícia representa uma ameaça mais concreta vinda de fora, e devemos entender essa opressão no contexto dos problemas políticos de Angola daquela época. Nesse contexto, a polícia é a representação da opressão política colonial que não se contenta com a riqueza (ovo), mas quer também a galinha (angola).

Vocês estavam a alterar a ordem pública, neste quintal, desordeiras! Estavam reunidas mais de duas pessoas isso é proibido. E além do mais, com essa mania de julgarem os vossos casos, tentavam subtrair a justiça aos tribunais competentes! A galinha vai comigo aprendida. E vocês toca a dispensar! Vamos! Circulem, circulem para casa. (LUUANDA, 1964, p.129)

O sargento, não se contenta em ver um grupo de mulheres reunidas tomando decisões que estavam designadas a elas. A maneira como o sargento reagi ao saber o motivo da discussão, e o motivo pelo qual ele decide aprender o ovo e a galinha, representa como a opressão política colonial que não se contenta com a riqueza (ovo), mas quer também a galinha (angola).

O musseque, representa algo muito maior do que o simples espaço onde a ação transcorre, pois, uma vez que ele constitui o laço identitário que vincula a experiência de todas as mulheres que protagonizam a ação, podemos afirmar que ele é protagonista também, anunciando em tons fortes (que encontram, aliás, uma significativa representação nas cores do céu, à medida que a tarde avança e o pôr-do-sol se aproxima) o desejo e o esforço de superação da situação colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto, A estória da galinha e do ovo, Luandino nos leva a uma série de questões sociais em que viviam os moradores das periferias de Luanda, o autor não apresenta só a pobreza e a fome de um povo em meio a um jugo colonial dentro de sua própria terra. Mas também, reflete sobre uma narrativa onde a mulher recebe o papel de protagonista durante toda a narrativa. Onde às figuras do branco dono da quitanda, do religioso, do proprietário do musseque, do guarda-livros e o sargento, procuram tirar proveito da situação, tentando obter a propriedade do ovo para s. demonstrando como aquele povo era martirizado pelos seus opressores, que se apropriavam do pouco que eles tinham.

Luandino, nos revela um pano de fundo vivo do musseque e de sua vida cotidiana, seus embates, suas dificuldades, mas também suas alegrias e grandezas – de que são as mulheres (e as crianças, e a galinha, que, triunfante, levanta voo diante de seu espantado e maravilhado público no final da narrativa) as autoras de um futuro que se pode antever, no enfrentamento que protagonizam, afastando de si as figuras de mando, poder e engano simbolizadas pelos homens cujo conselho inicialmente solicitam. O conto pode ser assim interpretado como uma alegoria da trajetória desde a ingenuidade até a consciência, desde o conflito frágil até a esperança de dias melhores.

REFERÊNCIAS

VIEIRA J. L. *Luuanda*. 1. ed. AB. Luanda.1964.

SKEIKA.J.A. Por uma literatura menor: *A Estória da Galinha e do Ovo como marca sutil de protesto de José Luandino Vieira*. Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, V.5, Número 1.2004.

XIV ENCONTRO REGIONAL DE A ANPUH-RIO.MEMÓRIA E PATRIMÔNIO. *As vulnerabilidades nos musseques luandenses na década de 1960*. Rio de Janeiro.UniRio.2010 p.1